



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**DANIELE COELHO MATEUS**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRG**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-395

**Entrevistada:** Daniele Coelho Mateus

**Nascimento:** 07/01/1988

**Local da entrevista:** Universidade de Caxias do Sul – Caxias do Sul

**Entrevistadora:** Suélen de Souza Andres

**Data da entrevista:** 20/03/2014

**Transcrição:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Copidesque:** Suélen de Souza Andres

**Pesquisa:** Suélen de Souza Andres

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 29 minutos e 28 segundos

**Páginas Digitadas:** Treze páginas

**Observações:** A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Suélen de Souza Andres intitulada *Mulheres e Handebol no Rio Grande do Sul: Narrativas acerca do processo de "profissionalização" da modalidade*

<p>O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.</p>
---

## **Sumário**

Como iniciou no esporte; Idade que tinha quando iniciou no Handebol; Diferença entre Handebol amador e profissional; Clubes que jogou; Salário; Bolsa Atleta; O que conquistou com o Handebol; Contrato com a Universidade de Caxias do Sul; Família; Rotina de treinos e jogos; Interesse do público pelo Handebol; Sonhos e Frustrações dentro do Handebol; Diferença entre o Handebol feminino e masculino; Valorização do Handebol feminino no Brasil.

Caxias do Sul, 20 de março de 2014. Entrevista com Daniele Coelho Mateus a cargo da pesquisadora Suélen de Souza Andres para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S. A. – Daniela, para iniciar me conta um pouco da sua história com o esporte e como você chegou até o handebol.

D. M. – Eu iniciei no esporte jogando futsal. Comecei a jogar futsal no colégio, nas aulas de Educação Física, era futsal, e futsal, até que certo dia eu estava em uma quadra fora do colégio e vi que estava tendo handebol. Quando acabava o handebol iniciava o futsal, nosso treinozinho, amador, brincadeira. Até que um dia cheguei um pouco mais cedo, e fiquei na arquibancada esperando meu horário, enquanto rolava a prática do handebol na quadra, fiquei analisando e... Como se fosse uma paixão a primeira vista, foi o que vi naquele treino. O professor do handebol era o meu professor também, José Fernando<sup>1</sup>, ele que dava os treinos. Apaixonei-me por aquela modalidade, foi bem diferente porque eu estava jogando futsal que é com o pé e o handebol já é com a mão. Então eu vi que eu me encaixaria melhor no handebol, porque eu tenho uma estrutura mais larga, mais forte, mais potência no arremesso, via um futuro meu praticando handebol. Pensei: “vou me dedicar a esse esporte, porque acho que tenho futuro”, e quando se é novinha você pensa em achar um esporte que te de futuro mais na frente, que te de uma boa oportunidade de jogar e ganhar bem, que te de estudos também, porque têm muitas bolsas de estudos que aparecem através do esporte. Acabou que nesse dia treinei futsal, mas no outro... quer dizer, no mesmo dia já me informei com uma moça sobre os treinos de handebol, a única coisa que ela disse foi “que eu só chegasse na hora do treino com um tênis... De tênis e não fosse descalça”, porque no futsal eu jogava descalça. Fui atrás de um tênis e no outro dia já fui treinar. Treinava três vezes na semana, segundas, quartas e sextas. Na primeira semana, treinei três vezes, e quando foi na sexta-feira, no terceiro treino, o treinador falou sobre uma competição que teria no sábado e já me convidou para ir competir com o time, fiquei mais feliz ainda, até porque já tive uma oportunidade de viajar para a capital, Fortaleza. Claro que eu não iria começar jogando, fui mais por aprendizagem, até para saber como era. Foi nessa viagem de final de semana que vi outras pessoas, times de outros lugares,

tive a chance de ver outras jogadoras se destacando e eu ali querendo ser igual a elas, fazer do mesmo jeito. E foi a partir daí que começou minha paixão. Então, a partir disso, tinha mais treino, me dedicava mais, e com o tempo fui esquecendo o futsal, porque já estava apaixonada pelo handebol. Então era treino, treino, viagem, viagem. Eu me dedicava, depois tinha um time da cidadezinha que participava do intermunicipal, competíamos, ganhávamos e nisso comecei a me destacar, como a menina com mais força, não tinha técnica, técnica mesmo eu venho aprendendo de uns tempos para cá, eu tinha era força mesmo. Então, eu comecei a me destacar no mundo do handebol, outros times me viam jogando e acabavam me chamando, mas nada profissional, tudo amador. Na época em que eu comecei a jogar, não ofereciam dinheiro, o que ofertavam era “você vem jogar que eu lhe dou a passagem e dou almoço, merenda e janta”, dinheiro não rolava. Os clubes de lá nem tinham como dar dinheiro, por causa da realidade, principalmente, no nordeste que é muito fraco. Acabava ficando feliz por não gastar do meu dinheiro, apesar de às vezes ter que tirar do próprio bolso para jogar. Mas é isso, ganhava tudo fora, almoço, lanche e janta, só não rolava dinheiro. Então eu jogava em uma equipe, depois em outra, e ficava nisso. Eu lembro que o meu primeiro salariozinho de amador, foi cem reais, ganhei para jogar três jogos por dia em uma competição de final de semana, sendo sexta, sábado e domingo. Mas para mim naquela época era tudo: cem reais era muita coisa para mim. E isso virou uma rotina, uns ofereciam mais outros menos. Depois de alguns anos, com certo destaque já, comecei a viajar para fora do Ceará. Conheci a Bahia através do handebol amador, eles me pagavam passagem, hospedagem e uma ajuda de custo. A hospedagem, normalmente era na casa de alguém, esposas de treinadores, casas de treinadores. Não digo que era um salário, mas eles davam uma ajuda de custo de duzentos reais ou duzentos e cinquenta reais. O máximo que eu ganhei no amador duzentos e cinquenta reais, sendo para jogar uma semana às vezes. Joguei em Campina Grande<sup>2</sup> nesse mesmo esquema. E nessa época eu já tinha jogado em Pernambuco, Paraíba, a Bahia, tudo. Falando assim até parece que foi um mar de rosas, deve pensar “você foi, passou um final de semana na casa do treinador, ganhou seu dinheiro e veio embora”, *não!* A gente passa por muitas dificuldades, porque às vezes eles falam uma coisa e não cumprem na hora. Prometem que tudo que você precisar eles vão lhe dar, mas às vezes não funcionava assim. A gente tinha café da manhã, almoço, janta e merenda contado. Tudo tinha horário específico, não era

---

<sup>1</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>2</sup> Cidade na Paraíba.

quando tínhamos fome. No fim sempre tinha que levar um dinheirinho extra, porque às vezes a gente queria comer antes e não tinha dinheiro, e quando você viaja sozinha você está sujeita a qualquer coisa, longe de pai, e tudo por uma mixaria, mas pelo amor ao handebol. No handebol falamos assim “quem joga handebol é porque é *paixão* mesmo, ama aquele esporte, porque ele não enriquece ninguém, ele dá ajuda.” Tem pessoas que ganham mais, outras que ganham menos, outras bem mais, mas nada comparado ao futebol, vôlei ou futsal. Porque o futebol é o que ganha mais dinheiro, e o handebol ele está lá embaixo ainda. Depois de anos nessa rotina, em 2012 eu estava morando numa cidade metropolitana Maracanaú<sup>3</sup>, treinando em um time, duas vezes por semana e às vezes no sábado. Era um treino amador, até porque lá eles não pagavam, eles não tinham como reembolsar os custos todos os meses. Então comecei a trabalhar, passava o dia todo trabalhando para ter o meu ganhar pão e nas noites de segundas, quartas ou sextas, treinava a noite e às vezes no sábado. Em 2012, trabalhava, morava sozinha, era independente. Um dia me fizeram a proposta de vir jogar em Caxias do Sul no profissional. Até então, quando eu soube da notícia não acreditei, eu fiquei... Nossa! Porque eu já estou um pouco velha para ir jogar fora. Normalmente as pessoas veem jogar o profissional nas categorias de base e depois ir subindo. Agora eu com meus vinte e quatro anos, tive essa oportunidade. Ter uma ajuda de custo para me manter aqui, conseguir viver com essa ajuda. Claro, aqui é profissional, temos plano de saúde que já conta muito, uma ajuda de custo, comida a vontade, comemos em um restaurante aqui na UCS<sup>4</sup>. Foram essas coisas que fizeram vir para cá. O salário era pouco, era, mas o salário que eu ganhava lá era o mesmo valor, mas era para gastar com o aluguel, mercado, luz, água e mais minhas coisinhas. Vir para cá para fazer uma coisa que eu gosto e amo, que é jogar handebol, com tudo que me foi oferecido, não pensei duas vezes e vim, sozinha, deixei família, abandonei tudo. Claro que é um modo de falar, minha família ficou por lá e eu vim. Fiquei 2012 todo aqui, ano passado retornei, renovaram o meu contrato, com isso houve alguns aumentos, ganhei um curso de graduação, acabei fazendo um curso de Administração. Esse ano renovamos novamente, retomei a faculdade, o salário aumentou e as outras coisas se mantiveram. Então é isso que me fez vir para cá, começar a jogar o profissional. O que vivo hoje aqui, eu vivo bem, porque se eu estivesse lá no Ceará eu, jamais, eu digo jamais, porque minha família é humilde, só seria possível se fosse uma coisa que viesse de Deus, caísse do céu,

---

<sup>3</sup> Maracanaú, Ceará.

<sup>4</sup> Universidade de Caxias do Sul.

porque eu não ia ter condições de pagar uma faculdade. O handebol está me proporcionando isso, está abrindo portas para mim. No final do ano passado fiz vestibular, vou começar mais um curso. Isso só foi possível através do Handebol, o handebol está me dando à faculdade, e fora isso tem o meu salário. Sou muito grata ao handebol. E tudo vai melhorando, um pouquinho de cada vez, que para mim já é muito coisa, em vista do que eu vivia no nordeste, no Ceará.

S. A. – Dani, quando tu iniciaste, que idade mais ou menos que tu tinhas quando tu fizeste essa troca do futsal para o handebol?

D. M. – Eu já estava com meus dezoito anos, comecei no juvenil, mas durou só um ano e já pulei para o adulto. Não passei por categorias de base, pré-mirim, mirim, infantil, cadete, não passei por essas fases. Tem coisas hoje no treinamento adulto que eu não sei por falta de base. Procuro prestar atenção para aprender. Mas comecei pelos dezoito. Não, acho que eu estou confundindo, foi com os meus quinze anos que eu troquei o futsal pelo Handebol, mas só fui jogar por clubes com os meus dezoito. Quinze anos, isso mesmo, até teve jogos escolares, foi o meu primeiro jogo de competição. Porque demora muito para você jogar bem, com os meus dezoito começaram a me chamar para jogar pelos clubes.

S. A. – E tu comentas muito do handebol amador e do handebol profissional. Para ti o que diferencia o amador do profissional?

D. M. – O que diferencia, seriam essas oportunidades de um salário um pouco melhor, o estudo que ele proporciona e o plano de saúde. E até mudança de lugar também, de conhecer outra cidade. Se não fosse o handebol eu jamais conheceria o Rio Grande do Sul. Porque se eu estivesse no Ceará jogando amador, numa dessas estaria casada, com filho, sem profissão nenhuma, só trabalhando, vivendo do trabalho, para esposo e filhos. Então, essa mudança do amador para o profissional o bom por isso, porque ele abre portas, principalmente, para o estudo. Onde acredito que tem que ter mais foco, claro, “é o esporte que está me dando o estudo? É!” Você tem que se dedicar ao esporte, mas o principal é o estudo. Essa mudança que você está perguntando do amador para o profissional, no caso do handebol, não é muita coisa, mas é bom, diferente de outras. A gente fala assim, que no futebol as pessoas pensam mais no dinheiro, que são milhões. Não! No handebol no

máximo é o seu estudo e um salariozinho. Claro, tem meninas que são de Seleção brasileira e jogam fora e recebem bem, mas para chegarem onde estão já ralaram muito, começaram de pouquinho em pouquinho. Então é isso!

S. A. – Tu colocas que na UCS que tu vieste jogar como profissional.

D. M. – Meu primeiro clube.

S. A. – Com contrato? Tu chegaste a jogar em outro clube?

D. M. – Defendi outros clubes, mas não profissional. Clubes de Campina Grande, Paraíba, Pernambuco, Bahia, mas nada profissional, tudo amador. Funcionava assim, chamavam para jogar o final de semana, eu jogava e depois voltava para casa. No mês seguinte tinha outra competição, passava a semana jogando, e depois retornava para a minha casa. Não tinha contrato, era tudo na palavra, “você vai jogar? Você vem jogar aqui uma semana? Vou!” Então pronto, por palavra. Já no profissional é uma coisa mais escrita, é profissional.

S. A. – E desde quando tu vives exclusivamente do Handebol?

D. M. – Que eu vivo do Handebol? Desde 2012 quando eu comecei a jogar aqui em Caxias do Sul.

S. A. – A faculdade é você que paga?

D. M. – Não, não pago! A UCS que paga. Mas com tudo isso, eu ainda ajudo a categoria de base, dou treinos. Até porque estou fazendo Educação Física e para mim já ajuda, está na minha área, com tudo isso nesse pacote eu os ajudo também.

S. A. – Você já teve o benefício do Bolsa Atleta?

D. M. – Não!

S. A. – Não...

D. M. – Eu nunca tive, é meu sonho ter, sinceramente estou louca para ter.

S. A. – E como é que funciona o Bolsa Atleta?

D. M. – Eu não sei explicar direito, vou falar o que ouço. Você participa das competições de nível Nacional, então o governo, a Federação escolhem as categorias que vão entrar para concorrer a Bolsa Atleta. A categoria escolhida os três primeiros colocados ganham a bolsa. Por exemplo, se a gente for jogar a Copa do Brasil e ficar em terceiro lugar e eles escolherem essa competição para ganhar o Bolsa Atleta, a gente ganha.

S. A. – Todas as atletas?

D. M. – Todas ganham. Então eu nunca estive em uma equipe que participasse. Quando eu tive a oportunidade de ganhar o Bolsa Atleta, foi em um Brasileiro que ocorreu no Ceará. Quer dizer, Brasileiro não, Liga Nordeste, e tínhamos que ficar entre os três primeiros, mas acabou que a Liga Nordeste não entrou no sorteio do Bolsa Atleta

S. A. – E tu sabes o valor mais ou menos que está o Bolsa Atleta hoje?

D. M. – É porque ela vai por nível. Acho que o menor valor do Bolsa Atleta é novecentos reais. Mas, tem gente que ganha uns um mil reais, um mil e quinhentos reais. Acho que é o máximo. Não recordo bem se chega a ser dois mil reais, mas tem gente que ganha a nível internacional, que joga fora e participa de mundial, esses ganham quase dois mil reais se não me engano. Mas, para nível nacional, as competições daqui são em torno de novecentos reais a mil e duzentos reais.

S. A. – E tu já chegaste a ser convocada para a Seleção?

D. M. – Não!

S. A. – Tu contaste tua trajetória dentro do Handebol. O que o Handebol te trouxe de bens materiais, coisas que tu conquistaste com o Handebol?

D. M. – De bens materiais que eu posso ter comprado com o meu salário?

S. A. – Isso!

D. M. – Assim, até então o meu primeiro salário era de seiscentos reais, e na época eu ajudava uma tia minha a pagar o aluguel de uma casa, como falei a minha família é humilde. Então, eu faço porque gosto. Então eu tirava do meu dinheiro e ajudava, não dava para eu comprar muita coisa, no máximo que comprei foi um DVD, uma televisão para o meu quartinho, uma cama, e agora no ano passado eu ainda ajudava a minha mãe, mandava dinheiro para comprar algumas coisas. Ajudava porque eles são aposentados e ganham pouco, então mandava uma quantia para eles e o restante eu gastava comigo. Tem que comprar tênis, meias. Às vezes até ganhamos tênis, mas compramos também, essas coisas. O uniforme e tudo com eles, ganhamos. Comigo, gastava para ir ao cinema, alguma roupinha, coisas de mulher mesmo, mas o foco principal era mandar dinheiro para a minha família.

S. A. – Quando tu foste contratada pela UCS - Universidade de Caxias do Sul, eles entraram em contato contigo, tem contrato assinado, como funcionou essa contratação?

D. M. – A minha contratação foi diferente, porque eu tinha uma amiga que também é do Ceará, mas jogava a uns cinco aqui. E eu lembro que ela me ligou, perguntando se eu tinha coragem de ir jogar o profissional em Caxias, porque o treinador estava precisando de uma armadora, forte e tal, e não precisava ter muita experiência que ele ensinaria tudo aqui, não era o meu caso. Foi tudo através dela, ele falava com ela e ela me passava, só fui conhecer a pessoa que me contratou quando cheguei a Caxias do Sul. Eles mandaram a passagem de avião, fomos mantendo contato por e-mail. Quando cheguei aqui à gente conversou melhor e esclareceu as coisas. Até porque por e-mail não dá para se entender muito bem, mas foi através de uma colega.

S. A. – E como a tua família encarou a decisão de viver do Handebol?

D. M. – A minha mãe sabia que lá não ia ter futuro nenhum para mim, e eu tinha que arriscar de qualquer jeito a vir. Ela sabe que sou uma pessoa bem cabeça, sabe o que quero, que não iria fazer nenhuma besteira e que se eu visse que não ia dar para mim eu voltaria para casa. Depois que eu vim morar aqui, ligava sempre que dava e contava como estava sendo aqui, ela encarou “numa boa”. Até porque ela sabe que sempre fui batalhadora, sempre corri atrás dos seus objetivos. Comecei trabalhando em casa de família, morava longe da minha casa, já fui criada um pouco fora de casa. Sempre corri atrás de oportunidades de empregos, então, esse aqui foi diferente? Foi, porque foi mais o longe de casa, mas é a mesma coisa, só muda a distância.

S. A. – E como é a rotina durante a semana em relação a treinos, estudos, jogos?

D. M. – Esse ano como estou estudando, tenho folga na faculdade nas segundas-feiras, à noite eu dou treino das seis e meia até as oito, e das oito as dez eu tenho treino. Nas terças-feiras eu tenho aula pela manhã, à tarde tenho fisioterapia, por causa de uma lesão que estou no ombro, as quatro e pouco tenho academia e depois treino. Treino todos os dias, fora isso, nas terças e quintas tenho academia à tarde. E tenho aula pela manhã todas as terças, quintas e sextas. Pronto, ficou melhor explicado. Fica meio corrido e no sábado ainda tenho treino de manhã.

S. A. – E agora vocês estão se preparando para competições?

D. M. – Isso!

S. A. – E em épocas de competições muda essa rotina de treinos, ou ela se mantém constante? Como é que funciona essa rotina?

D. M. – Continua a mesma coisa.

S. A. – Mesma coisa...

D. M. – Mesma coisa. Claro, que se a gente jogar um final de semana, durante a semana rola uma folga. Mas não é folga de ficar em casa sem fazer nada, folga no sentido de que ele vai pegar leve no treino. E quando as competições pegam dias de estudos de aula, a gente conversa com os professores, pega uma carta de liberação ou eles dão um atestado e depois a gente recupera as aulas. Um ajuda o outro, a professora sabe que a gente joga, então quando precisamos faltar fazemos algum trabalho extra e entrega tudo direitinho.

S. A. – E como tu vê o interesse do público no Handebol, em específico o feminino?

D. M. – Hoje em dia, com a conquista do Mundial pelas meninas, posso dizer que existe um interesse maior. O povo está conhecendo um pouco mais, por causa do Mundial. Então os clubes são mais vistos, porque eles levam a fama. Passa uma reportagem sobre Handebol, quem não conhecia passa a conhecer. Hoje está melhor por causa das meninas que foram campeãs mundiais.

S. A. – E qual é o teu maior sonho dentro do Handebol hoje?

D. M. – Hoje o meu maior sonho, é através do Handebol terminar a minha faculdade. Isso em primeiro lugar, em segundo é ser convocada para a Seleção Brasileira, porque estar na Seleção te dá mais possibilidades de concorrer o Bolsa Atleta. Eu não sei como funciona estar na Seleção Brasileira, porque tem meninas que jogam na Seleção Brasileira, mas não tem salário específico, assim, elas vivem do salário do clube. Por outro lado, tem o Bolsa Atleta, participam de mundiais, a melhor jogadora é premiada. Mas só de estar na Seleção Brasileira já é outra coisa, já é outro mundo para o atleta.

S. A. – E tu já tiveste alguma grande frustração com o Handebol?

D. M. – Não, e nem espero que eu não tenha.

S. A. – Tu acha que existe ou vê alguma diferença entre o Handebol masculino e o feminino?

D. M. – Digamos que eu vejo diferença em relação à força, técnica. Acredito que nós mulheres temos mais técnica, até para “fintar”, o homem é mais na força, na brutalidade. A diferença seria está, um ser mais veloz, homens mais velozes que as mulheres, enquanto que as mulheres são mais habilidosas que os homens. Como que eu posso dizer, só muda essa questão da diferença, mas porque é genética mesmo, não é questão que muda. Porque Handebol feminino é de um jeito e o masculino é de outro, não, é a mesma coisa só muda o jeito, é a genética.

S. A. – E em relação às competições, ganho salarial, existe alguma diferença?

D. M. – Não. Só existe diferença de salários de um atleta para outro, quando uma atleta é mais esforçada e acaba se destacando em competições. Olha o caso da Dani Jóia<sup>5</sup>, o salário dela era maior que o meu. Porque ela era uma atleta superior a mim, já tinha uma bagagem, e eu estou apenas começando no profissional. Então, a diferença é essa, por um atleta ter mais destaque e o outro não.

S. A. – Na tua opinião, o que o Brasil precisa para o Handebol ter mais visibilidade?

D. M. – O Handebol no Brasil precisa ter mais oportunidades e ser mais reconhecido em termos de TV, porque hoje em dia TV é o principal, é o foco principal. Ser transmitidos mais competições de Handebol, até para o povo conhecer, tem muita gente que não conhece, porque não é transmitido na TV. Diferentemente do vôlei e do futebol que tem transmissão direta na TV, por isso que tem criança gostam do futebol, porque só vê isso na TV. Tinha que ter mais oportunidades de transmissões, no momento acho que seria isso, divulgar mais. O resto seria com o governo mesmo, de ajuda mesmo. Meu ponto de vista para que outras pessoas conhecessem o Handebol, seria transmissões e divulgar mais.

S. A. – Dani tem alguma coisa que eu não te perguntei que tu gostarias de falar, comentar um pouco mais?

D. M. – Não, não acho que foi tudo. Eu falei um pouco da iniciação, um pouquinho de como eu cheguei até aqui. Não me vem nada na cabeça.

S. A. – Então em meu nome e em nome do Centro de Memória do Esporte eu agradeço a oportunidade de estar fazendo essa entrevista contigo, e espero poder ajudar vocês. Muito obrigado!

D. M. – Eu que agradeço, obrigado por ter vindo fazer essa entrevista com a gente, e isso é até bom para ser divulgado, depois quem sabe? E eu só tenho a agradecer.

S. A. – Obrigado!

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>5</sup> Danielle Jóia;